

M 141- A. 1. 55  
Paz, amor e pombas

## COM ARROZ

Existe em Turim um alfaiate es-  
perto, que fez fama por ter ofere-  
cido ao Papa, há dois anos, um  
manto simbólico, a que chamou "a  
capa da paz". Vai agora aos Esta-  
dos Unidos oferecer ao presidente  
Truman, que o receberá na Casa  
Branca, o "casaco da paz". Diz que  
na volta oferecerá outras capas de  
modelos diferentes, mas todas "da  
paz" a outros líderes políticos eu-  
ropeus. É provável (isto não vem  
nos telegramas, mas vem na lógica  
da publicidade) que ele presenteie  
o marechal Stalin com uma "pele-  
rине da paz".

É coisa tão querida a paz que to-  
dos querem estar de seu lado e ser  
tidos como seus filhos, ou pais, ou  
pelo menos amantes. O alfaiate  
Santomauro faz nome e fortuna à  
custa disso. Quando esgotar o nú-  
mero dos grandes chefes, ele se vol-  
tará, com certeza, para o homem  
comum, e nos oferecerá o pijama  
da paz, que há de ser azul, e sem  
listras nem bolinhas. Talvez entre  
em entendimentos com alguma em-  
presa metalúrgica para lançar —  
em Caxias, por exemplo, — o "co-  
lete de aço da paz".

Desde os tempos do Dilúvio a paz  
tem um símbolo que assusta pela  
fragilidade. A pomba é, afinal, um  
bicho como os outros, que ama sua  
paz, mas luta por comida ou por  
amor. Ainda outro dia, num desses  
momentos de doce vagabundagem  
que a gente tem necessidade de  
lutar ao valvém utilitário e in-  
sensato do Rio, quedei-me dez mi-  
nutos junto à estátua de Floriano  
vendo as pombas, rolinhas e par-  
dais que algum amante dos passa-  
rinhos costuma atrair para ali com  
puchados de fubá. Assisti a mais  
de uma luta rápida, de bicadas, e  
cheguei à conclusão melancólica de  
que não há paz, nem mesmo no  
mundo das pombas. É apenas a ve-  
lativa fraqueza das pombas, diante  
dos gaviões e das águias, que lhe  
valeu o prestígio simbólico.

Conta um amigo ter ouvido de  
sua tia, senhora muito boazinha,  
que um dia ela estava na sala de  
jantar, em uma casa do interior de  
Minas, quando uma linda pomba  
pousou em sua janela. A boa se-  
nhora foi se aproximando devagar,  
e conseguiu pegar a pomba. Viu  
então que em uma das patas ela  
tinha um anel metálico, onde es-  
tavam escritas umas coisas. Meu  
amigo esclareceu que devia se tra-  
tar de um pombo-correio, e a tia  
disse: "Era muito bonitinho, e man-  
sinho mesmo; eu gosto muito de  
pombo".

— E que foi que a senhora fez?

A santa senhora olhou o sobrinho  
com um ar de surpresa, como se a  
pergunta lhe parecesse pueril: "Co-  
mi. uai, comi com arroz..."

Assim há no mundo, alfaiate San-  
tomauro, muito amante da paz. Com  
arroz.

27/3/52

R. B.